

Capítulo 10

A comunicação no relacionamento: reflexões acerca de pequenos diálogos entre homens e mulheres

“O amor e a literatura coincidem na procura apaixonada, quase sempre desesperada, da comunicação.”
(Jorge Duran)

Daniela Terenzi

Os relacionamentos são compostos e permeados por muitas elementos, como sentimentos diversos, amor, ciúme, raiva, atitudes tais como beijos, abraços, entre outros comportamentos como brigas, discussões e reconciliações. O que podemos afirmar é que na maioria deles, há um diálogo, mesmo que seja sem palavras, por meio de um gesto, um olhar, mas o fato é que há comunicação nos relacionamentos, independentemente se estamos falando de um relacionamento afetivo apenas, ou de um namoro, ou seja, afetivo-sexual.

“A queixa de que os homens não ouvem as mulheres é comum para além da psicoterapia.” é uma das considerações feitas por Militão et al (2013). Além disso, os autores pontuam que “expressões como “desentendimento”, “mal-entendido”, “incompreensão”, “não falam a mesma língua”, “faltou sintonia” são as mais comuns para designar casais cuja vida afetiva não vai tão bem.” Então seguem a discussão indagando se “Teria o amor um outro idioma que não aprendemos? Qual seria a verdadeira linguagem do sentimento?”



Relacionamentos amorosos: o antes, o durante... e o depois

No dia a dia, pequenos diálogos são bastante comuns, o que torna nossa coleta de exemplos algo não tão difícil. Um dos propósitos de apresentarmos diálogos-exemplos nesta discussão é que você poderá se identificar, lembrar-se de algo parecido que tenha acontecido em sua vida, ou até mesmo se recordar de uma cena que presenciou. O fato é que todos nós, envolvidos em relações interpessoais, temos experiências que podem ser retomadas e repensadas.

Lembre-se agora de um momento em que você estava disposta (o) a relaxar tomando um drink com seu parceiro ou parceira, aquele dia que o trabalho foi estressante e que tudo que você precisa parece ser uma boa conversa, um momento para desabafar e esfriar a cabeça.

Dentro do carro, no caminho do trabalho para a casa...

Mulher: Você gostaria de parar e tomar alguma coisa?

Marido: Não.

Você então pensa que não há nada de “errado” nesta conversa, a mulher fez uma simples pergunta e o marido respondeu com objetividade e sinceridade, o que deveria ser a comunicação mais eficaz possível, clara e objetiva, certo? Parece que não foi bem assim que podemos classificar esse momento.

Após esse pequeno diálogo, o casal não parou em nenhum lugar e se dirigiram para a casa, como de costume. Mais tarde, já relaxado em casa, ele se sentiu mal ao descobrir que a mulher ficara chateada porque ela queria ter parado em algum lugar. Você agora deve estar se perguntando como isso aconteceu? De onde surgiu essa ideia de que ela ficara chateada?

Algo que o marido e talvez nós mesmos não percebemos é que a pergunta da esposa não se tratava simplesmente de uma pergunta, mais do que isso, era um convite, era uma expressão da vontade dela naquele momento.

Você e o marido então pensam: “Por que ela simplesmente não falou o que queria? Por que ela faz esse jogo?”, “Por que não foi clara



Capítulo 10 - A comunicação no relacionamento: reflexões acerca de...

e objetiva, dizendo que era uma vontade dela parar em algum lugar antes de chegar a casa, pois o dia havia sido difícil? O marido então sentia-se mal por não ter entendido o pedido de sua esposa. Já a mulher não estava chateada por não ter parado, mas chegou até a ficar triste pois sua vontade não foi nem levada em consideração quando o homem tomou sua decisão.

Esse diálogo, retirado do livro de Tannen (1986), aparentemente era corriqueiro e objetivo, considerando que o marido expressou sua vontade de maneira clara após a pergunta da mulher. No entanto, a comunicação não foi bem sucedida, já que havia uma intensão oculta por parte da mulher que não foi identificada pelo marido.

A palavra diálogo tem origem grega e é a união das palavras *através e palavra*, ou seja, é o entendimento por meio das palavras, comunicação, troca de ideias. Porém, se pensarmos nas diferentes formas de comunicação que utilizamos todos os dias, facilmente diremos que ela não acontece apenas por meio de palavras, há gestos, olhares e sinais que também transmitem uma mensagem, ou ainda, que complementam o que está sendo dito.

Weil e Tompakow (1986) discutem vários tipos de expressões corporais por meio das quais “o corpo fala” – frase que intitula o livro – e fazem considerações acerca dos possíveis significados desses movimentos em diferentes contextos. A contribuição deste estudo é bastante significativa, já que é algo presente em nosso dia a dia, mas nem sempre nos atentamos aos detalhes e à repercussão de pequenos gestos, pois “pela linguagem do corpo, você diz muitas coisas aos outros”.

Complementando as pontuações acerca da comunicação não verbal, temos que “elementos como postura, tom de voz, expressão facial, qualidade da voz, proximidade corporal entre os interlocutores, posição dos corpos, dentre outros, são elementos que contribuem para compor o tom transmitido durante uma conversa.” (MILITÃO et al, 2013).



Relacionamentos amorosos: o antes, o durante... e o depois

Na teoria linguística, a comunicação é estabelecida quando um emissor emite por meio de um código (verbal ou não verbal) uma mensagem a qual é decodificada (interpretada) pelo interlocutor. Em seguida, o interlocutor passa a ser o emissor da mensagem e o locutor o receptor, o qual então decodifica a mensagem, realizando assim a comunicação, um diálogo.

Confuso? Não é não. Pense que ao encontrar uma amigo caminhando pela calçada você usa sua mão direita para acenar, ou seja, você acaba de emitir uma mensagem por meio de um gesto, um código não-verbal, você é o emissor neste caso. O seu amigo tem conhecimento do que esse gesto significa, ele o interpreta, sabe que você está cumprimentando-o, dizendo oi. Podemos dizer então, que a mensagem foi decodificada, interpretada pelo interlocutor. Como confirmamos que ele realmente entendeu? Pois em alguns segundos ele faz o mesmo gesto, acena para você, retribuindo o cumprimento. Concluímos, assim, que a comunicação foi realizada com êxito.

Contudo, como vimos no diálogo-exemplo, acerca do convite da mulher ao marido, nem sempre a mensagem é interpretada da maneira desejada e isso é o que chamamos de *ruído*. Ruídos são obstáculos que atrapalham ou impedem a comunicação e que aparecem por problemas no código, na decodificação ou ainda no próprio emissor ou receptor.

De acordo com Carvalho e Serafim (1995, p. 82), o ruído é identificado na comunicação humana como o conjunto de barreiras, obstáculos, acréscimos, erros e distorções que prejudicam a compreensão da mensagem em seu fluxo: emissor x receptor e vice-versa. Em outras palavras, nem sempre aquilo que o emissor deseja informar é precisamente decifrado e compreendido pelo receptor.

Voltando ao encontro com seu amigo e supondo que ele seja estrangeiro e que na cultura dele não seja comum o cumprimento utilizando o aceno de mão, ele poderia não ter entendido o que você queria e, desta maneira, teria havido um problema na comunicação, ou ainda, pode ser que comunicação nem tivesse acontecido.



Capítulo 10 - A comunicação no relacionamento: reflexões acerca de...

Os ruídos estão presentes em muitos de nossos diálogos, mas são normalmente esclarecidos com uma reformulação por parte do emissor, que tem o intuito de ser entendido. O uso de outros recursos é imprescindível na reformulação da mensagem, em busca da melhor maneira de se comunicar.

Nos diálogos entre homens e mulheres esse ruídos também são comuns e não é raro que causem chateações, aborrecimentos, intrigas e brigas.

Antes de falarmos especificamente sobre homens e mulheres, é necessário esclarecer que diálogos, ruídos, reformulações e a comunicação ocorrem entre todos, independentemente de sexo, idade ou orientação sexual. A comunicação é inerente ao ser humano, todos nascem com a capacidade de se comunicar, mesmo que seja de maneiras diferentes, como por meio de sinas (Libras – usada por surdos) ou do tato (Braille – usada por cegos), que apesar de não serem tão comuns como a fala, ainda assim são formas de comunicação eficientes.

Todos sabemos que somos indivíduos únicos, cada um com suas características e personalidade, mas em alguns momentos tendemos a generalizar as pessoas de acordo com os grupos nos quais elas podem ser inseridas, como as crianças, os adultos, os homens, as mulheres. Considerando as dificuldades que teríamos ao tentar discutir as especificidades de cada indivíduo em relação à comunicação, vamos tratar homens e mulheres como dois grupos, pontuando características presentes na maioria dos indivíduos de cada um desses grupos, ressaltando que ninguém é exatamente igual ao outro, mas pode compartilhar pensamentos e ações.

No livro “A arte da paquera”, Almeida e Madeira (2011, p. 154) apresentam um quadro comparativo entre homens e mulheres e nele pontuam que homens “possuem uma linguagem direta e são literais, já as mulheres possuem uma linguagem mais indireta e procuram significado nas entrelinhas”. Essas afirmações foram construídas com base em estudos nas áreas da psicologia e da linguística, retomando e justificando o que foi dito acerca das características comuns presentes



Relacionamentos amorosos: o antes, o durante... e o depois

em indivíduos que podem ser agrupados em uma categoria, como homens e mulheres.

Ainda sobre homens e mulheres, Jordão (1996) pontua que “Homens e mulheres raramente querem dizer a mesma coisa mesmo quando usam as mesmas palavras.” e a fim de exemplificar tal afirmação exemplifica o autor que quando uma mulher diz, “Eu sinto como se você *nunca* ouvisse”, ela não espera que a palavra *nunca* seja tomada tão literalmente. Logo, para este autor, utilizar a palavra *nunca* é só uma maneira de expressar a frustração que ela está sentindo no momento. Não é para ser tomada como se fosse uma informação concreta. Podemos verificar neste breve exemplo a subjetividade sendo utilizada pela mulher, já que, conforme explicado pelo autor, a palavra *nunca* está mais relacionada ao sentimento do que ao significado literal da mesma. Porém, subjetividade não é um recurso exclusivo do sexo feminino.

E não é difícil encontrarmos exemplos em nosso cotidiano para essas características, tanto que você com certeza já ouviu, ou até mesmo falou, as seguintes coisas: “isso é coisa de homem” ou “isso é coisa de mulher”, ou ainda “menina não fale assim, quem fala assim é homem”, o que comprova nossa argumentação.

Quando o namorado diz “estou cansado e não quero sair hoje”, a namorada ouve “você fez algo que me magoou profundamente e então não quero te ver, assim vou sair com outra e terminar o relacionamento com você amanhã”. Parece exagero, mas acredite, muitas vezes é isso mesmo que acontece e esses pensamentos acabam por levar a mulher a brigar com o homem, sendo que ele realmente estava cansado e naquele dia preferiu ficar em casa.

Pense em quantas vezes você já não teve pensamentos deste tipo. Quando um amigo esquece-se do seu aniversário e você pensa que ele se esqueceu de você, da amizade entre vocês e que nunca mais vai te ligar, e acaba se esquecendo de considerar que ele pode ter tido um dia cheio de tarefas e de preocupações que o levaram a realmente esquecer e que quando ele se lembrar, vai te ligar super chateado e te



Capítulo 10 - A comunicação no relacionamento: reflexões acerca de...

pedir mil desculpas. Muitas vezes o ruído está em nossa mente, potencializado por experiências que nos fazem acreditar naquele pensamento.

No quadro comparativo (ALMEIDA e MADEIRA, 2011) os homens são caracterizados como altamente competitivos e possuidores de forte desejo por status e dinheiro enquanto as mulheres são menos competitivas e poder e dinheiro para elas são menos importantes. Reforçamos, novamente, que isso é uma generalização baseada em estudos anteriores e que, portanto, tem uma fundamentação. Essa afirmação esclarece, um pouco, aquela paixão incontrolável do seu namorado pelo vídeo game, pelo futebol ou jogos de cartas com os amigos. Pois bem, essa competitividade aparece frequentemente e se a mulher não se atentar a essa característica, outros problemas de comunicação podem surgir.

Você deve estar se perguntando como essa competitividade pode se manifestar em relação a você, em uma situação do dia a dia, a qual não é necessariamente uma competição e como isso pode levar a um problema de comunicação, certo? Por isso, vamos a outro exemplo.

O marido liga para comunicar à esposa que já combinou com um amigo, que mora em outra cidade, que ele passará o fim de semana hospedado na casa do casal. Ela fica magoada e se sente excluída da vida do marido, afinal, ele nem perguntara a opinião dela sobre a hospedagem do amigo e acaba discutindo com ele sobre a sua falta de consideração, sobre não ter considerado a opinião dela para tomar a decisão.

Ao falar com o amigo, o marido não hesitou em convidá-lo para se hospedar na casa dele e também não pensou em ligar para a esposa naquele momento para falar sobre o convite, afinal, o homem não precisa da permissão da mulher para tomar suas próprias decisões. Para ele, esse simples gesto de consideração poderia demonstrar uma posição inferior em relação ao amigo, em outras palavras, ele se mostraria submisso à decisão da mulher, o que pode ser entendido como uma perda na hora da competição masculina, ele tem menos poder considerando o amigo.



Relacionamentos amorosos: o antes, o durante... e o depois

Essa situação é usada por Tannen (1986) para explicar os conceitos de intimidade e independência, ou seja, mulheres buscam estabelecer intimidade em suas relação enquanto os homens privilegiam a independência. Mulheres compartilham histórias com as amigas, buscam por opiniões, consideram diferentes pontos de vista ao tomarem decisões. Homens, em sua maioria, recusam ajuda, ou você já conseguiu ajudar algum homem a encontrar o caminho correto? Assim, a mulher tende a envolver o parceiro, a família e os amigos em suas decisões, ao passo que o homem procura demonstrar sua autonomia em situações como essas.

Falando sobre decisões, eis uma situação que envolve muitos diálogos, antes ou depois do acontecimento, já que é preciso conversar caso a decisão seja em conjunto, mas quando ela é tomada por uma das partes, a outra com certeza terá opiniões para compartilhar. Os diálogos cujo objetivo é chegar a uma decisão em comum são bons exemplos de problemas na comunicação.

Jantar ou não em família na sexta-feira? Parece uma decisão simples, sim ou não, mas não é bem por aí. Você se reconhece na conversa a seguir?

- Meu bem, iremos ao jantar na casa da minha mãe? (Perguntou a esposa.)

- Sim, sem problemas.

- Você tem certeza de que quer ir?

- Ah, então melhor não irmos, estou cansado mesmo.

À princípio a decisão foi tomada de comum acordo sendo que a vontade de ambos foi respeitada. Não?! Acho que a conversa do dia seguinte pode esclarecer alguns pontos.

No dia seguinte:

- Muito chato não termos ido ao jantar ontem. (Diz a esposa)



Capítulo 10 - A comunicação no relacionamento: reflexões acerca de...

- Mas foi você quem não quis ir.

- Eu?! Você que veio com a desculpa de que estava cansado.

- Eu não! Só aproveitei que você não queria ir para concordar e descansar.

- Ai, você decide e ainda quer colocar a culpa em mim.

No exato momento da conversa, ambos se perguntam: o aconteceu? Por que ela/ele decidiu não ir e agora coloca a culpa em mim? Se pudéssemos colocar uma legenda no diálogo, como se pudéssemos transcrever os pensamentos do casal, possivelmente seria assim:

- Meu bem, iremos ao jantar na casa da minha mãe? (Perguntou a esposa.)

- Sim, sem problemas. *(Eu não queria muito ir, mas se você faz questão, prefiro ir, te agradar e assim ficamos bem.)*

- Você tem certeza de que quer ir? *(Estou perguntando pois sei que você não gosta muito, então se você for para o jantar e depois ficar lá com cara de quem não está gostando e bocejando de sono, acho melhor não irmos)*

- Ah, então melhor não irmos, estou cansado mesmo. *(Bem, se ela perguntou de novo é por que não está muito afim de ir, vou aproveitar para dizer que eu também não quero ir e assim ficamos felizes em casa.)*

Porém, obviamente, esses pensamentos não foram explicitados, um não disse ao outro o que realmente estava pensando, e isso os levou à discussão no dia seguinte. Se for possível considerar que algumas conversas são ideais, nesta passagem o mais indicado seria expressar pensamentos e vontades ao negociar a decisão com cautela, já que, por exemplo, ao expressar a falta de vontade de ir jantar na casa da família da esposa, o marido pode ser mal interpretado e assim gerar outra discussão.



Relacionamentos amorosos: o antes, o durante... e o depois

Retomamos aqui, usando esse exemplo, as reflexões sobre ruídos, ou seja, algo que de certa maneira atrapalha a comunicação. Quando estamos dialogando, é comum, e praticamente inevitável, usarmos como base os nossos referenciais, o que significa que se você considera algo feio (por exemplo), a tendência é imaginar que o outro tem a mesma opinião, o que pode ser um equívoco, causando problemas de entendimento.

A fim de tornar esse apontamento mais claro, podemos pensar em questões culturais, pois tendemos a considerar a nossa cultura como “a certa” e a do outro como “errada”. Consideremos o uso da burca, por exemplo. Para nós, brasileiros, parece ser “inadequado” que as mulheres se vistam assim, mas temos que considerar os referenciais da outra cultura e o significado de tal costume para os membros daquela comunidade, não deixando que nosso referencial seja o único para julgar algo como “certo” ou “errado”. Reforçamos que não há certo e errado quando consideramos o outro, mas sim diferente do nosso, por isso o uso de aspas nessas palavras.

Consideramos então, que a empatia é primordial nas relações e, conseqüentemente, na comunicação. Em outras palavras, considerando as estratégias que tem a potencialidade de contribuir para um entendimento maior e mais harmônico entre os casais, considerar o referencial do outro quando inseridos em situações-problema tende a amenizar os conflitos⁵.

Muitas vezes omitidos nossos pensamos em prol do outro, para que não haja ofensas, mágoas ou atritos, o que pode gerar outros tipos de confusões, todavia. Há ocasiões em que a consideração e exposição de sentimentos e opiniões podem ajudar a minimizar os ruídos e potencializar a chance de uma decisão mais acertada.

Lendo o artigo intitulado “Como a linguística pode arruinar um casamento” (TANNEN, 1975) me deparei com outro exemplo desse

⁵Essa reflexão é uma contribuição do professor Thiago de Almeida.



Capítulo 10 - A comunicação no relacionamento: reflexões acerca de...

tipo de conversa e apesar do texto ter sido escrito há algum tempo, o diálogo é com certeza um dos mais recorrentes até hoje.

- Vamos ao shopping comigo? (Pergunta a namorada)

- Por quê? (Indaga o namorado)

- Ah, se você não quer ir comigo, tudo bem, não precisa. (Responde a namorada, já chateada com seu companheiro e provavelmente emburrada durante o fim de semana todo)

Ao perguntar o porquê da ida ao shopping, não necessariamente o namorado estava se recusando a ir até lá, mas essa com certeza foi a primeira interpretação da namorada. Porém, diante da resposta-pergunta dele e da não explicação posterior, a namorada interpretou a resposta como uma falta de vontade dele em acompanhá-la.

Agora responda sem pensar muito: você já passou por uma situação semelhante? Como foi o fim da conversa? Houve chateações? Como poderia ter sido o final da conversa considerando tudo que já pontuamos neste texto?

Retomando as características dos dois grupos, mulheres tendem a buscar significados nas entrelinhas e assim concluem seguindo sua interpretação. Talvez a simples atitude de explicitar o motivo devido ao qual ela quer ir ao shopping e depois confirmar se o namorado gostaria ou não de ir com ela até lá, poderia evitar essa chateação e a briga futura, lembrando que a entonação nesse tipo de situação é extremamente importante. Entonação é uma variação na forma como se emite uma palavra ou um grupo de palavras, que revela se se trata de uma afirmação, uma pergunta ou uma ordem. Em outras palavras, se um deles fizer uso de uma entonação que demonstra falta de vontade, irritação ou ironia, com certeza a discussão será inevitável.

Porém, ser franco e expor pensamentos não são tão simples assim. A cultura brasileira geralmente enxerga o diálogo franco como não educado, ou seja, quando alguém pede ajuda em um momento inoportuno, o mais comum é que aquele que não tem a disponibilidade



Relacionamentos amorosos: o antes, o durante... e o depois

de ajudar explique a situação ao invés de dizer apenas não. Relembre situações em que alguém lhe pediu ajuda, qual foi sua resposta? Ela foi franca e objetiva? Ou você usou alguma explicação para dar a entender que não poderia ajudar? Vamos considerar outro exemplo.

- João, preciso de uma favor. Você poderia revisar esse e-mail para mim?

- Ah Pedro, eu revisaria com o maior prazer, mas agora tenho que levar esses documentos até a sala da diretoria e depois ainda preciso acabar o relatório que devo entregar amanhã.

Nosso personagem fictício João poderia apenas ter dito: “Não, agora não posso.”, mas isso seria considerado má educação ou ao menos rude por parte dele. Essa é uma forte característica da comunicação entre brasileiros, o que não quer dizer que todos sejam assim, mas você certamente já vivenciou ou presenciou uma situação similar.

Ressalto que essa é uma característica da cultura brasileira e não pode ser julgada, em outras palavras, não podemos classificá-la como boa ou ruim, ou ainda como certa ou errada, apenas devemos observar que essa peculiaridade pode explicar situações e desentendimentos do nosso cotidiano. Características ou traços culturais são uma das coisas que diferenciam um povo do outro, uma comunidade da outra.

Por conta de viagens e na universidade, já tive contato com muitos estrangeiros das mais variadas origens, o que me proporcionou momentos ricos de aprendizagem e maravilhosas oportunidades para pensar sobre comunicação. Dentre tantas pessoas e histórias, uma em especial vai ao encontro desta discussão.

Em uma disciplina da pós-graduação cujo tema principal era “cultura e o ensino de línguas”, contávamos com a orientação de um dos melhores professores que já conheci e com a especial presença de um rapaz argentino, também professor em seu país de origem cuja especialidade era ensinar português como língua estrangeira. Em meio



Capítulo 10 - A comunicação no relacionamento: reflexões acerca de...

as discussões sobre franqueza e culturas, ele contribuiu para que olhássemos para nossa própria cultura, a brasileira, com outros olhos.

Esse movimento é um dos mais ricos e difíceis de ser realizado. Olhar para si e, mais ainda, ser capaz de analisar e chegar a alguma conclusão não é algo fácil ou óbvio de ser feito. Apontar características do outro parece ser sempre mais fácil e rápido, além de ser algo que reconhecemos com menos indagações.

Bem, o professor argentino, em uma de suas considerações sobre o que havia observado nas interações aqui no Brasil, nos disse que achava os brasileiros um pouco falsos, já que comumente faziam promessas e não as cumpriam. Então nós, brasileiros, ficamos espantados e indignados ao mesmo tempo. Como assim nós, um povo tão solidário, somos falsos? Não cumprimos nossas promessas? Logo veio o esclarecimento: “quando eu peço algo a alguém, como um livro emprestado, por exemplo, a pessoa normalmente diz: vou ver, vou dar uma olhada, mas nunca mais menciona o ocorrido, ou seja, promete que fará algo e não faz.” Todos riram.

Podemos entender o estranhamento do argentino, já que há uma falta de correspondência entre o dizer e o fazer, neste caso. Há várias situações em que isso pode ocorrer, mas comumente estamos acostumados e entendemos quando há essa falta de correspondência. Porém, alguém que não pertence a cultura, no caso a brasileira, pode ficar confuso e então não entender essa relação e a informação contida implicitamente nas falas das pessoas.

O que realmente significa um “vou ver”? Em um senso comum, diríamos que significa que a pessoa não pode ajudar, que não vai emprestar o livro. O professor argentino então nos indagou: “Por que então vocês não dizem que não é possível ajudar?” E a resposta foi unânime: “Porque não seria educado!”.

Os diálogos que exemplificam essa característica da nossa comunicação não são raros. Quando alguém nos telefona e mesmo não podendo conversar dizemos “fale rapidinho”, ou ainda quando



Relacionamentos amorosos: o antes, o durante... e o depois

você não está disposto a ir a uma festa e diz “vou ver se consigo dar uma passadinha”. Mais uma vez você pode lembrar-se de algum momento em que já disse tais palavras e passou por situações similares.

Quando o casal – principalmente formando por um homem e uma mulher – convive já há algum tempo, espera-se que os diálogos sejam mais francos, mais claros e objetivos, mas isso pode não ocorrer, já que as expectativas são as de que devido à convivência e por conhecer alguns costumes do outro, a pessoa deva entender qualquer coisa que seja dita, apesar da pouca objetividade.

Estamos falando agora de pressupostos e de informações implícitas. Pressupostos são ideias não expressas, não explícitas, mas que podem ser percebidas ou compreendidas a partir de palavras, expressões ou acontecimentos anteriores (DUCROT, 1984). Em outras palavras, se alguém lhe diz “*Agora* estou feliz” entende-se, é pressuposto, que antes ela não estava. Já implícito, cuja noção foi formulada em Ducrot (1972), é algo compreensível sem ficar descoberta a responsabilidade de se ter dito. Ou se expressar de tal forma de modo que a responsabilidade do dizer possa ser recusada, ou seja, o implícito é aquilo que é dito entrelinhas, algo subentendido, ou seja, é quando se pode concluir logicamente a partir de uma declaração. Um exemplo simples de uma informação implícita é dizer que “O João saiu há 5 minutos”; a partir dessa afirmação está implícita a ideia de que João não está em casa neste momento.

Porém, contar com o raciocínio lógico da outra pessoa e ter a certeza de que ela entenderá o que está pressuposto ou implícito na sua fala, nem sempre levará a uma comunicação eficaz, nesses os momentos os males entendidos costumam ocorrer.

Obviamente não indicamos que todos os diálogos sejam totalmente francos, pois assim podemos causar desconforto e, conseqüentemente, outro tipo de mal entendido. Você se lembra do filme “Do que as mulheres gostam? (2000, com Mel Gibson)”? Imagine agora todos conversando abertamente, da maneira como o personagem principal ouvia os pensamentos das mulheres, da maneira mais franca



Capítulo 10 - A comunicação no relacionamento: reflexões acerca de...

e objetiva possível. Com certeza você também imaginou a confusão e os problemas que isso acarretaria. Contudo, um olhar mais atento pode evitar frustrações, ou seja, você não se sentirá mal por não ter um pedido atendido a partir do momento em que perceber que o pedido não foi feito de forma clara. Pequenas atitudes que auxiliam na melhora da relação homens-mulheres. Retomando o já dito, a questão é a atenção à situação e não exatamente o conteúdo da mensagem.

Inicialmente pontuamos que as mulheres tendem a serem menos diretas ao se comunicarem, porém, há situações em que a subjetividade está no homem. Não se deixe enganar, pois na verdade, pode ser uma amostra da mais pura objetividade.

No livro “Ele simplesmente não está afim de você” podemos ler sobre alguns fatos que para as mulheres são verdadeiras revelações. Quando o homem justifica o sumiço, pois estava muito ocupado, trabalhando muito, a verdade é que ele “simplesmente não está afim de você” e, portanto não teve vontade de ligar, mandar mensagem ou qualquer outro contato. Da mesma forma, quando há interesse, aquela mensagem quer dizer algo bem diferente.

O psicólogo Thiago de Almeida, citado anteriormente, considera que há verdadeiros e bons motivos, ou seja, estar ocupado é um bom motivo para sumir, mas o verdadeiro é que não há interesse. Em suma, em algumas situações podemos identificar, não facilmente, dois motivos para determinadas situações ou falas, sendo que um deles é o motivo aceitável, que justifica a ação, mas possivelmente existe um motivo verdadeiro, encoberto pelo bom.

A interpretação de atitudes e mensagens é bastante difícil, mas há alguns indícios que podem nos auxiliar nesses momentos. Analisemos uma situação e o diálogo estabelecido entre os participantes.

Após ele ter terminado o namoro, ela ficou bastante triste. Alguns dias depois, ela recebe a seguinte mensagem: “Preciso te devolver uma chave sua que ficou comigo.” Sendo essa chave uma cópia e usada para abrir uma porta de acesso até a qual não é possível



Relacionamentos amorosos: o antes, o durante... e o depois

chegar sem passar pelo portão, havia mesmo a necessidade de devolução? Talvez essa não fosse a verdadeira razão para o contato, mas a ex-namorada nunca chegara a descobrir, já que dispensou a devolução da chave, optando por interpretar a mensagem de maneira literal.

Homens e mulheres usam a franqueza ou a subjetividade da maneira que lhes convêm quando o diálogo é premeditado, porém, na maioria das vezes, a pessoa pode não perceber que foi subjetiva e acabar frustrada, pois não recebeu a resposta esperada, ou ainda foi mal interpretada, pois o outro entendeu de forma equivocada a mensagem.

Você costuma ser franco ou mais indireto? Talvez um breve teste possa lhe ajudar a responder essa pergunta.

1. Quando seu parceiro ou sua parceira lhe telefona logo quando você está saindo de casa, você lhe diz:
 - a. Oi querido (a), pode falar, sempre estou livre para te escutar.
 - b. Querido (a), fale rapidinho.
 - c. Querido (a), lhe telefono mais tarde, não posso conversar agora, estou de saída.

2. Pensando em sair na sexta-feira a noite, o que você falaria?
 - a. Você está afim de sair na sexta à noite?
 - b. Vamos fazer alguma coisa na sexta à noite?
 - c. Eu gostaria de sair na sexta à noite. Vamos?

3. Seu namorado ou sua namorada coloca aquela roupa que você menos gosta para sair, você vai logo dizendo:
 - a. Que tal você colocar aquela roupa que eu mais gosto?
 - b. Esta roupa não ficou boa pra hoje, acho que você podia trocar.
 - c. Não gosto muito desta roupa, você não toparia trocar?

Bem, se você escolheu as respostas “a” em sua maioria, podemos dizer que sua tendência é ser indireta e pode não ser tão clara, como poderia imaginar, ao expressar suas vontades e suas



Capítulo 10 - A comunicação no relacionamento: reflexões acerca de...

opiniões. Vale a pena pensar nas vezes em que você se sentiu frustrada por não ter sua vontade respeitada, ou nem mesmo considerada, mas isso pode sim estar relacionado ao uso de frases indiretas que dificultam o entendimento por parte do(a) parceiro(a).

As respostas “b” são um pouco menos subjetivas e geralmente levam o parceiro ao entendimento da mensagem. Parece-nos uma forma menos impositiva e, comumente, expressam vontades de maneira clara. Porém, sempre devemos considerar que cada pessoa tem suas próprias interpretações de uma fala. Você parece ter aquele “jeitinho” para conversar, expondo sua opinião sem magoar o parceiro.

Já as respostas “c” podem parecer um pouco impositivas e talvez até mal educadas, conforme uso do tom de voz ou ironia, isso devido às características da nossa cultura, em que consideramos ríspido ser objetivo. Contudo, é preciso admitir que essa forma pode ser a mais eficaz para a transmissão da mensagem sem que haja interpretações equivocadas. Você é bem direta, expressa suas opiniões e vontade, mas corre o risco de ser vista como “mandona”.

Enfatizamos que não há um modelo ideal de respostas, mas dependendo daquela escolhida, é possível que haja diferentes consequências para o relacionamento, ou seja, caso você seja menos direta, pode não ter suas vontades contempladas e assim, sentir-se desconsiderada na relação. Dessa maneira, ressaltamos que o equilíbrio é o melhor resultado para essa questão. É preciso equilibrar a exposição de suas ideias com a maneira como isso é feito, para assim buscar o sucesso da comunicação.

Você pode se perguntar como homens e mulheres podem desenvolver estratégias de comunicação diferentes se, muitas vezes, são criados juntos, compartilham brinquedos e brincadeiras e recebem uma educação semelhante. Na verdade, a resposta pode ser obtida a partir da infância. Mesmo crescendo na mesma vizinhança, no mesmo quarteirão, ou até na mesma casa, meninos e meninas crescem em mundos diferentes de palavras (TANNEN, 1990).



Relacionamentos amorosos: o antes, o durante... e o depois

Crianças aprendem a usar as palavras no ambiente em que crescem, são influenciadas pela família e por amigos. Meninos geralmente brincam em grupos e estabelecem hierarquia, como jogos que terão vencedores e perdedores, brincadeiras que envolvam um personagem central, o líder. Já as meninas privilegiam grupos menores, valorizam a melhor amiga e brincam em parceria, cada uma tem sua vez. Lembremo-nos que Homens buscam o status, mulheres almejam parcerias.

Considerando essas características, podemos entender melhor o (s) porquê (s) homens não gostam de se sentir “mandados” por suas parceiras, assim como mulheres não gostam de se sentir “desconsideradas” nas decisões do parceiro, como explicitamos no exemplo sobre o marido consultar a mulher sobre um amigo se hospedar na casa deles no fim de semana. Em outras palavras, o homem não pergunta para a mulher por conta da “destruição” de sua imagem de líder e, quase que por oposição, a mulher gosta de ser consultada sobre pequenas decisões, pois se sente parceira, sente-se participativa.

Mesmo tendo essas questões em mente e estando cientes acerca das diferenças, os males entendidos acontecem exatamente devido a essa disparidade entre os estilos de comunicação. Aprender sobre essas características não irá banir os conflitos nem ocasionar mudanças nos estilos das pessoas, mas certamente pode nos tranquilizar e confortar, fazendo com que essas situações do dia a dia se tornem mais familiares e menos tensas.

O início das considerações aqui apresentadas teve início no conceito de comunicação, assim, vamos retomá-lo a fim de concluir nossas ideias.

A comunicação acontece quando a mensagem enviada pelo emissor (quem fala, por exemplo) para o receptor (neste caso, quem ouve) é recebida e entendida. Porém, o significado das mensagens depende de outros fatores além da nossa intenção. A comunicação é ser realizada por meio de símbolos, ou seja, uma língua, gestos, expressões faciais, o olhar e o toque, sendo que um símbolo pode ter diferentes significados e ainda cada pessoa pode interpretar um símbolo



Capítulo 10 - A comunicação no relacionamento: reflexões acerca de...

de acordo com suas ideias e sentimentos. Até a falta de palavras, ou seja, o silêncio tem um significado e, portanto é uma forma de comunicação.

Primeiramente o silêncio pode ser entendido com o contrário da comunicação, mas “podem haver silêncios que exprimem sentido” (CUNHA, 2001). Apesar do silêncio geralmente expressar algo negativo como repressão e antidemocracia, ele pode ser analisado, além disso. Segundo Lauer e Lauer (2004) 50 a 80% do significado é transmitido por recursos não verbais, os quais podem ser um gesto, uma expressão facial ou um olhar.

Você pode se perguntar qual é a relação disso com o foco desta discussão, mas a explicação é, diríamos, simples. Um símbolo pode ser interpretado de maneira diferente dependendo do sexo. Eis aqui um exemplo corriqueiro: o sorriso de uma mulher significa, para ela, uma maneira de ser agradável e, para ele, uma paquera. Esse tipo de informação ambígua pode resultar em uma falha de comunicação.

Para ser mais claro, podemos considerar a análise de Weil e Tompakow (1986) acerca do sorriso. Os autores chamam nossa atenção para outros pontos do rosto e do corpo além dos lábios, o que muda o significado do mesmo. Um exemplo disso é o, por eles denominado, sorriso-desprezo, cujas algumas características são: “tórax salientado: orgulho, superioridade. Frontal contraído para cima: censura. Tronco inclinado para trás: desaprovação.

O exemplo mencionado nos faz pensar no sorriso da mulher para o homem e os possíveis significados, os quais só podem ser interpretados com base em outros sinais. A maioria de nós sabe decodificar sinais não verbais, embora, na maioria das vezes, não sejamos capazes de descrever de maneira consciente esses sinais. Considerando o contexto de cortejamento humano, grande parte da comunicação é verbal⁶. Contudo, apesar da grande parte da comunicação

⁶ Reflexão feita pelo professor Thiago de Almeida ao ler este capítulo, ao qual agradeço pelas reflexões e sugestões.



Relacionamentos amorosos: o antes, o durante... e o depois

neste caso ser verbal, a interpretação da linguagem não verbal depende do repertório de cada um, ou seja, alguém interpreta o sinal de acordo com aquilo que já lhe foi explicado ou que lhe proporcionou um reforço positivo.

Também precisamos ponderar que há comunicação de sentimentos junto com a comunicação de ideias, e sentimentos são importantes em uma relação amorosa ou mesmo afetiva. O sentimento, muitas vezes, é expresso por recursos não verbais, os quais, quando mal interpretados, podem gerar atrito. Às vezes, compreender o sentimento é mais importante que compreender a ideia.

Diante das considerações, durante uma conversa procure não se distrair, para que possa notar o uso de recursos não verbais da outra pessoa e interpretar melhor a mensagem; controle suas emoções e procure não interromper a pessoa até que ela termine o que quer dizer; faça perguntas ou peça por reformulações para que a ideia fique mais clara; confirme o que você entendeu, reformulando o que a pessoa disse antes de dizer sua opinião. Além disso, evite dar ordens; ameaçar; dar lição de moral; apontar uma única solução; dar sermão; ridicularizar; analisar tudo e fazer longos interrogatórios.

Dimitrius e Mazarella (2000) apresentam dicas importantes para uma boa conversa, dentre elas estão as seguintes:

- Se você estiver em sua casa, considere que estará na posição de controle e em uma situação mais confortável, mas se estiver na casa do outro, ele é que tende a se sentir assim;
- Se achar que o ambiente não é propício para uma conversa, ou ainda para o assunto da conversa, convide o parceiro para ir até outro lugar;
- Remova obstáculos entre vocês, ou seja, uma mesa, cadeiras ou um balcão, a conversa tende a ser mais íntima;



Capítulo 10 - A comunicação no relacionamento: reflexões acerca de...

- Quando quiser que o outro se sinta mais à vontade para compartilhar algumas informações, conte a ele algo sobre você, isso inspira confiança;
- Demonstre atenção ao que o outro está falando;
- Procure não interromper a fala do outro, pois isso interromper o raciocínio ou ainda inibir;
- Esteja de frente para a pessoa, isso significa que você está atento e você evita distrações;
- Inicie o assunto por uma perspectiva do geral e depois passe o específico, isso também vale para a direção: do impessoal para o pessoal, o que aumenta as chances do outro compartilhar seus pontos de vista.

Já Silva (2004) conclui em seu trabalho que:

Aprender a melhorar a forma de se transmitir as idéias e opiniões às outras pessoas, assim como perceber adequadamente as reações de quem recebe nossas informações, são importantes desafios a serem enfrentados, a fim de que possamos obter uma comunicação eficaz com as pessoas de nosso convívio. (p.51)

Sendo assim, não podemos acreditar que agora já sabemos tudo que é preciso para entender o parceiro ou ainda para entender todos os diálogos em nosso cotidiano. Essas dicas não devem ser seguidas metodicamente, como o próprio nome diz, são apenas dicas que podem auxiliar na comunicação em relações afetivas, o que, comprovadamente, contribui para um melhor desenvolvimento da relação.



Relacionamentos amorosos: o antes, o durante... e o depois

Considerações Finais

A comunicação vai além das palavras ditas, temos que considerar os gestos, sinais, entonação, contexto e sentimentos envolvidos, e isso é um desafio. O significado e/ou a interpretação variam de acordo com esses aspectos e precisamos desenvolver nossas habilidades comunicativas para melhor lidarmos com as dificuldades desse processo.

Homens e mulheres têm a comunicação como um dos pilares do relacionamento afetivo-sexual, o que, então, merece atenção especial em nosso dia a dia. Algumas características desses dois grupos (homens e mulheres), as quais foram destacadas neste artigo, quando identificadas, podem contribuir para o desenvolvimento de nossas destrezas considerando situações similares e assim, podemos buscar uma comunicação mais eficaz.

Alguns aspectos da comunicação entre homens e mulheres foram apresentados e discutidos aqui, porém devemos ter em mente que o leque de opções é grande, há inúmeras situações de comunicação durante um único dia e desta maneira, a possibilidade é que sejamos sensíveis nestas situações na tentativa de evitar atritos e construir relações mais agradáveis.

Referências

ALMEIDA, T.; MADEIRA, D. **A arte da paquera: Inspirações à realização afetiva**. São Paulo: Letras do Brasil, 2011.

CARVALHO, A. V.; SERAFIM, O. C. G. **Administração de recursos humanos**. 2 ed. São Paulo: Pioneira, 1995.

CUNHA, T. **O silêncio na Comunicação**. Universidade Nova de Lisboa. 2001. Disponível em: http://bocc.ubi.pt/pag/_texto.php3?html2=cunha-tito-cardoso-silencio.html.

DIMITRIUS, J; MAZARELLA, M. **Decifrar pessoas: como entender e prever o comportamento humano**. São Paulo: Alegro, 2000.



Capítulo 10 - A comunicação no relacionamento: reflexões acerca de...

DUCROT, O. De Saussure à la philosophie du langage. In: SEARLE, J. R. **Les Actes de Langage: Essai de Philosophie du Langage**, Paris: Hermann, 1972.

DUCROT, O. Enunciação In: **Enciclopédia Einaudi**, Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda. 1984. v. 2p. , 368-393.

JORDÃO, A. **Homens são de marte, mulheres são de Vênus**. Rio de Janeiro: Editora Rocco LTDA. 1996.

LAUER, R. H.; LAUER, J. C. **Marriage and Family: The Quest for Intimacy**. 5. ed. Boston: McGraw-Hill, 2004.

MILITÃO, F. et al. **Os ruídos da comunicação homem/mulher percebidos através dos ouvidos** *delas*. Disponível em <http://www.economia.esalq.usp.br/intranet/uploadfiles/167.pdf>. Consultado em 15/02/2013.

SILVA, A.T. **A comunicação dos amantes: o processo de comunicação entre homens e mulheres na busca por um encontro existencial**. Universidade Federal de Alagoas, 2004. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/silva-adriana-thiara-comunicacao-dos-amantes.pdf>.

TANNEN, D. **Communication mix and mixup or how linguistics can ruin a marriage**. San Jose: State Occasional Papers in Linguistics, 1975.

TANNEN, D. **That's not what I meant!** N.Y.: William Morrow & Company. 1986.

TANNEN, D. **You just don't understand: Women and men in conversation**. New York: William Morrow. 1990.

WEIL, P.; TOMPAKOW, R. **O corpo fala: a linguagem silenciosa da comunicação não verbal**. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1986.



